

**O PRONOME CONOSCO NO SUL DO BRASIL:
UM ESTUDO GEOLINGUÍSTICO¹⁹**

Antonio José de Pinho (UFSC)
ajdepinho@gmail.com

RESUMO

No presente artigo analisa-se a variação entre *conosco*, *com a gente* e *com nós* com base no *corpus* do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS). Trata-se de um estudo geolinguístico sobre como se dá a variação do pronome oblíquo tônico tanto na dimensão diatópica (pelo espaço geográfico) quanto na dimensão diastrática (pelos estrados sociais). Estuda-se a variação diatópica em todos os três estados do sul, e centra-se foco da análise de dados diastráticos apenas no contexto urbano de Santa Catarina. Nesse aspecto de variação linguística, nos ALERS há dados de contexto urbano de seis cidades catarinenses – Joinville, Blumenau, Florianópolis, Lages, Criciúma e Chapecó. Estuda-se de que modo o elemento étnico da colonização predominante em cada uma destas cidades pode ser correlacionado à variação pronominal do *conosco*.

Palavras-chave: Geolinguística. Variação pronominal. ALERS.

1. Introdução

No artigo que publicamos no n° 64 da *Revista Philologus*, intitulado "Forças estruturais da mudança linguística", analisamos a evolução histórica dos pronomes oblíquos tônicos da língua portuguesa (por exemplo: *nobiscum* → *noscum* → *nosco* → *conosco*). O que aconteceu diacronicamente com este paradigma pronominal é um bom exemplo sobre como não apenas forças sociais promovem a mudança, mas que há também forças estruturais – oriundas da própria gramática – que a impulsionam. "Forças estruturais da mudança" são entendidas como quando a mudança num elemento da gramática gera outra mudança noutra elemento estrutural da língua. Mudanças fonológicas podem gerar mudanças morfológicas, e estas geram mudanças sintáticas. Um caso conhecido é a perda de certas consoantes latinas em final de palavras, fato que gerou uma simplificação na morfologia de caso. Esse é apenas um exemplo de quando mudanças no sistema gramatical se tornam força propulsora de novas mudanças. A mudança inicial é o gatilho, a força, que impulsiona a mudança seguinte. Essa, por sua vez, num segundo momento, pode se

¹⁹ Este artigo é uma adaptação da segunda parte de Pinho (2009).

tornar um novo gatilho a gerar novas modificações gramaticais, numa cadeia complexa de causa e efeito que se estende pela diacronia do sistema.

No artigo anterior (PINHO, 2016), defendemos que a mudança na ordem sintática básica do latim SOV (sujeito-verbo-objeto) para a ordem românica SVO fez com que o português deixasse de ter posposição da partícula *cum* nos contextos em que esta rege pronomes pessoais – *me-cum*, *tecum*, *nobiscum*, *vobiscum*. O fenômeno não é exclusivo do português, pois ocorreu também no espanhol, francês e italiano, dentre outras línguas românicas. De acordo com universais linguísticos (SLOBIN, 1980, p. 95), a ordem SOV permite posposição das partículas, ao passo que a ordem SVO privilegia a preposição. Sendo assim, a mudança SOV → SVO, ocorrida na passagem do latim às línguas românicas, configura-se como uma força estrutural a gerar uma completa reorganização no paradigma dos pronomes oblíquos tônicos. A partícula *cum* deixou de ser posposta aos pronomes para ocorrer como preposição, ou seja, houve uma inversão na ordem dos constituintes desse sintagma:

pronome + *cum* → *cum* + pronome

mecum → *comigo*

A partícula *cum* posposta aglutina-se ao pronome e perde sua função original. A sílaba *-go* que ocorre ao final de *comigo* é o resultado de uma evolução fonética regular da posposição latina *cum*. Posteriormente, com a entrada de novos pronomes pessoais por meio de processos de gramaticalização – *você*, *vocês*, *a gente* – os oblíquos tônicos entram novamente numa fase de reestruturação, tornando-se mais regulares: *conosco* → *com a gente*, *contigo* → *com você*, *convosco* → *com vocês*. Isso nada mais é do que parte de um processo mais amplo de perda dos resquícios de caso no sistema pronominal português.

Feita a análise história do fenômeno e levantada a causa estrutural da mudança (PINHO, 2016), falta analisar como se dá o processo de variação/mudança nos oblíquos tônicos no português atual. Há três variantes possíveis para o oblíquo tônico da primeira pessoa do plural. Ao lado da forma canônica *conosco*, cuja origem remonta ao *noscum* do latim vulgar, temos as variantes *com nós* e *com a gente* no português do Brasil.

O *Atlas Linguístico-Etnográfico do Sul do Brasil* (ALERS) fez um levantamento dessa variação nos três estados da região sul do Brasil – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O objetivo deste artigo é

justamente apresentar uma análise dos dados levantados pelo ALERS sobre a variação diatópica e diastrática do pronome *conosco*.

2. Variação em zonas rurais do sul do Brasil

No paradigma dos pronomes oblíquos tônicos não ocorre algo muito diferente do que aconteceu (e continua acontecendo) com outros paradigmas, tais como as flexões verbais ou os pronomes, ou seja, há uma tendência generalizada à regularização das formas. É o que têm mostrado os estudos históricos feitos sobre o português e outras línguas neolatinas. A entrada de novos pronomes – *ocê, vocês e a gente* – na posição de sujeito simplificou (regularizou) profundamente o sistema flexional dos verbos e levou, em muitos contextos, à perda dos resquícios de caso nos oblíquos.

O *corpus* do ALERS pode, em relação ao uso do pronome *conosco*, lançar uma luz sobre a variação diatópica no sul do Brasil. E não apenas isso, os dados disponíveis nesse atlas linguístico podem revelar uma tendência de mudança no português brasileiro.

O ALERS busca registrar as variedades dialetais dos estados meridionais do Brasil – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ressaltamos que o inquérito do ALERS foi aplicado focando mais as regiões rurais que as urbanas; por isso há mais pontos pesquisados no contexto rural do que no urbano. Acrescenta-se que em cada ponto foi entrevistado um informante. Destaque-se que o *corpus* do ALERS foi formado no início dos anos 90 do século XX.

Abaixo está a tabela 1, na qual são mostrados somente os dados empíricos registrados pelo ALERS *em meio rural*. Nessas regiões rurais foram pesquisadas 100 localidades do Paraná, sendo 80 de Santa Catarina e, finalmente, 95 do Rio Grande do Sul.

As três variantes – *com nós, com a gente e conosco* – foram registradas no sul do Brasil. A variante mais difundida geograficamente pelo sul, em meio rural, é *com nós*, perfazendo um total de 72,36% de uso da variante nesses três estados. E esta variante do *conosco*, ao que tudo indica, não pode ser classificada como estando intimamente vinculada a este ou àquele dialeto, pois seu uso é muito difundido em todo o espaço geográfico em questão.

	Paraná	Santa Catarina	Rio Grande do Sul	Total
conosco	10/100 = 10 %	12/80 = 15 %	22/95 = 23,16 %	16%
com nós	70/100 = 70%	63/80 = 78,75%	66/95 = 69,5 %	72,36%
com a gente	1/100 = 1%	0/80 = 0 %	2/95 = 2,1%	1,1%
Dados não obtidos	11/100 = 11%	15/80 = 18,75%	5/95 = 5,26%	11,27%

Tabela 1 – Porcentagens na variação entre as formas *conosco*, *com nós* e *com a gente* nos três estados do sul do Brasil em regiões rurais.

Destaquemos, aqui, que o ALERS registra que, em vários pontos (dezesete no total) os informantes utilizaram a forma padrão *conosco*, mas também a não padrão *com nós*. Esse fenômeno mostra que muitos dominam as duas variedades, ou seja, *conosco* e *com nós* estão em sua gramática interna, portanto, na sua competência. Porém, o uso (a performance do falante) de uma ou de outra variedade vai depender de fatores externos, como o grau de formalidade em que a pessoa estiver, ou a sua posição hierárquica em relação ao interlocutor – se é superior ou inferior a este. Supomos, obviamente, que a variante padrão *conosco* seja utilizada em momentos de elevadíssimo grau de formalidade e monitoramento, em contexto rural no sul. Contudo, deixemos claro que tal afirmação não passa, no fundo, de uma *suposição, porque a natureza dos dados do ALERS não nos permite sustentá-la com absoluta certeza*. Apenas a pequena taxa percentual de ocorrência de *conosco* revela que essa forma possui um uso muito restrito, e esse uso deve se dar em situações conversacionais bem determinadas, como o maior ou menor distanciamento entre os interlocutores, a posição social destes etc.

Pode se tratar, nesse caso, muito mais de uma verdadeira variação diafásica do que diatópica, ou seja, na variação o fator geográfico tem menor importância do que o fator diafásico – situacional.

Contudo, segundo as porcentagens da tabela acima, há *indícios* de uma pequena correlação entre a variação no uso do *conosco* e o espaço geográfico. Vemos claramente que, quanto mais ao sul, maior é a ocorrência de *conosco*. Dessa forma, o Paraná apresenta a menor taxa no uso dessa variante, apenas 10%, ou melhor, ocorreu em dez pontos, num total de cem. No outro extremo, temos o Rio Grande do Sul com a mais elevada porcentagem de ocorrência dessa variante, ou seja, houve pouco mais de 23% de uso de *conosco*, configurando um total de vinte e dois pontos. Já Santa Catarina ficou numa posição intermediária entre os ou-

tros dois estados, havendo o registro de doze ocorrências da forma *conosco*, totalizando uma média de 15%. Assim como o estudo de Pinho et Margotti (2009), este trabalho acaba confirmando “as afirmações de Altenhofen (2002) que entendeu o território catarinense como uma região de transição entre padrões dialetais tipicamente gaúchos, de um lado, e paranaenses, de outro”. (PINHO & MARGOTTI, 2009, p. 61)

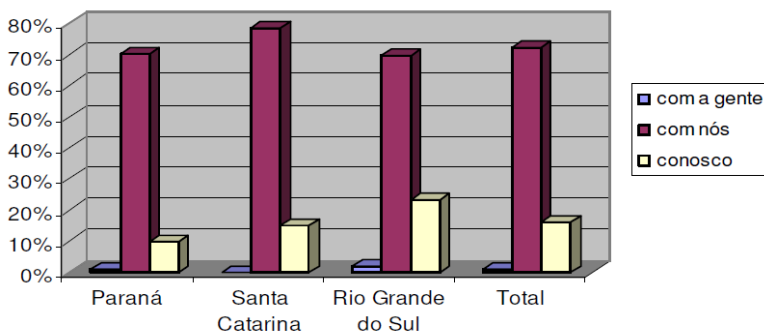


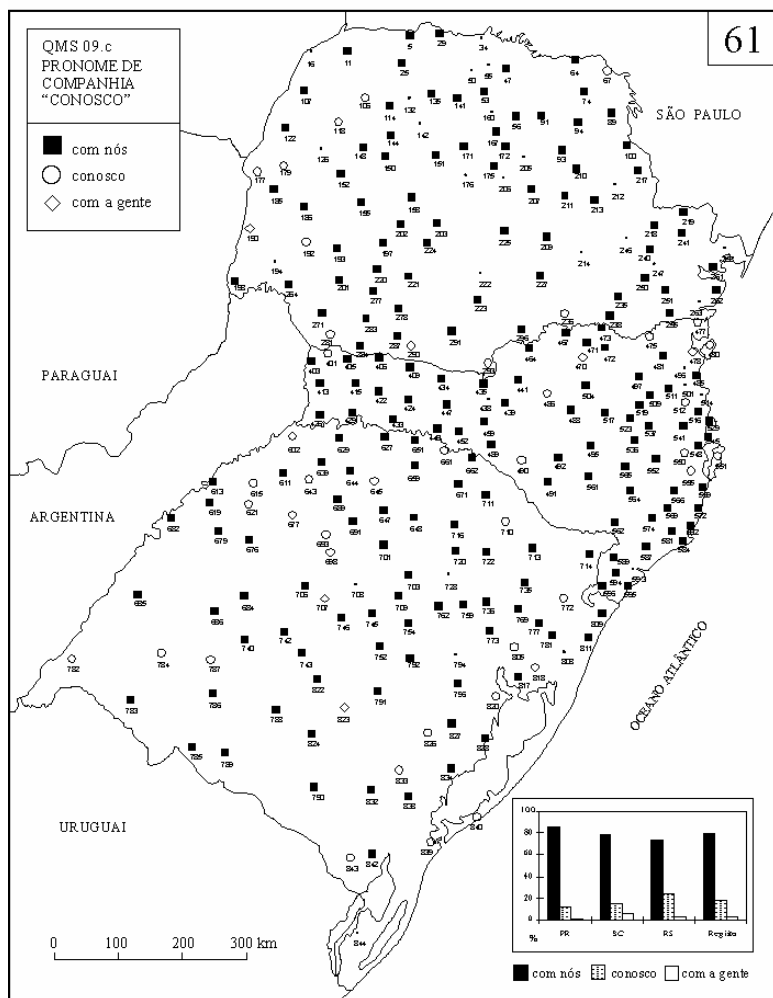
Gráfico 1 - Variação entre *com nós*, *com a gente* e *conosco* no sul do Brasil em regiões rurais

Em suma, percebemos que, na esfera diatópica da língua portuguesa em suas variedades faladas no sul do Brasil, uso da forma *com a gente* é muito restrito em meio rural: há somente três registros, num total de 275 localidades pesquisadas, resultando numa média de apenas 1,1%. Já a forma *com nós* possui uma difusão muito maior pelo espaço geográfico do que as outras variantes.

Vimos que o fator espaço geográfico pouco influenciou na variação entre *conosco*, *com nós* e *com a gente*. Por isso é muito provável que a variante mais difundida no sul do Brasil também esteja muito presente em outras variedades dialetais de diferentes regiões do território nacional. Mas somente a finalização do projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) e futuros trabalhos interpretativos poderão indicar com muito maior precisão para onde se direciona o português do Brasil, ou seja, se para a manutenção do conflito entre as três formas, ou para uma mudança linguística em que a forma clássica *conosco* caia em desuso, tornando-se um arcaísmo devido ao seu baixíssimo uso. Nessa última hipótese, ainda as formas *com nós* e *com a gente* estariam em disputa. Mas qual delas prevalecerá no português do Brasil? Eis uma pergunta que, por ora, não possui resposta.

Contudo, de qualquer maneira, compreendendo que o português está evoluindo no sentido da eliminação dos resquícios de caso em seus paradigmas pronominais (MONTEIRO, 1994), não é precipitada a afirmação de que o pronome *conosco* tende, mais cedo ou mais tarde, a se tornar uma forma arcaica do português brasileiro.

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



Mapa 1 - A variação do pronome *conosco* em regiões rurais do sul do Brasil

3. Variação nas áreas urbanas de Santa Catarina

Após a análise da variação no uso do pronome *conosco* em regiões rurais do sul do Brasil, aprofundaremos o estudo centrando foco em regiões urbanas de Santa Catarina, o que permitirá fazer uma comparação entre o urbano e o rural.

Lembremos que não será feita a análise dos dados de fala urbana do Paraná e do Rio Grande do Sul, pelo fato de eles ainda não estarem disponíveis para estudo, ou seja, as gravações que foram feitas nestes estados ainda não estão transcritas. O que, evidentemente, acaba impossibilitando que o estudo da variação no uso do *conosco*, em meio urbano, se estenda aos estados vizinhos de Santa Catarina.

Mesmo com esse problema, a análise dos dados linguísticos disponíveis de área urbana pode muito bem revelar-nos fatos importantes, como também mostrar-nos indícios de como o mesmo fenômeno deve ocorrer no restante do sul. Porque, de acordo com o que vimos, Santa Catarina caracteriza-se como uma região de transição dialetal entre os falares tipicamente gaúchos, de um lado, e falares tipicamente paranaenses, de outro. De tal forma, o estado da variação pronominal em Santa Catarina pode representar “valores médios” da variação em relação aos outros estados do sul. Indícios disso puderam ser observados na análise que foi efetuada das áreas rurais, na qual Santa Catarina ficou no meio dos extremos, na variação dos usos de *conosco*, com 15% de ocorrência desta variante. Enquanto no Paraná registrou-se 10%, e, no outro extremo, no Rio Grande do Sul obteve-se mais de 23% no uso da variante *conosco*.

3.1. A descrição do corpus urbano

Como é próprio da geolinguística tradicional, o ALERS prioriza claramente o registro das variedades dialetais do português brasileiro falado em regiões rurais. Tal análise volta-se fundamentalmente à variação da língua em sua dimensão horizontal, ou seja, importa muito mais o conhecimento das variedades dialetais pelo espaço geográfico, do que a variação nos usos da língua entre os diferentes extratos sociais – entre diferentes faixas etárias, entre os sexos, entre pessoas com níveis diferentes de escolaridade etc. O ALiB, por exemplo, avança metodologicamente neste sentido ao incluir as dimensões diastrática e diafásica no estudo da variação dialetal.

Essa preferência metodológica pelas regiões rurais fica evidente

no número de pontos pesquisados em tais áreas. Foram 275 pontos de sondagem em áreas rurais contra somente 19 pontos em áreas urbanas, no sul do Brasil. Destes, destaquemos que 6 localizam-se em Santa Catarina – os quais serão aqui analisados. Há ainda 6 pontos de sondagem no Paraná, e, por fim, outros 7 no Rio Grande do Sul.

As cidades catarinenses pesquisadas pelo ALERS foram:

- 1) *Florianópolis* e *Lages*, de colonização predominantemente lusa;
- 2) *Blumenau* e *Joinville*, de colonização alemã;
- 3) *Criciúma* e *Chapecó*, de colonização italiana em sua maioria.

Diferentemente do modo como ocorreu a coleta de dados em regiões rurais, nas quais se entrevistou, por ponto, um informante que fosse um típico representante do falar de sua localidade, em regiões urbanas foram entrevistadas três pessoas por localidade, podendo, assim, ser analisada a variação linguística entre três extratos sociais distintos. Destes 3 informantes, o primeiro é não escolarizado, preferencialmente, ou tem pelo menos a 4ª série do primário; o segundo informante tem entre a 5ª e 8ª séries do 1º grau; e o último informante, por sua vez, tem o 2º grau.

Em áreas urbanas do sul do Brasil, o ALERS controla, portanto, a variável social “nível de escolaridade”. Desta forma, não se tem o controle de outras variáveis sociais importantes como faixa etária, por exemplo. Porém, outro projeto de natureza sociolinguística, o VARSUL, surgido na mesma época que o ALERS, aprofunda-se na questão do estudo vertical da variação linguística, no sul, em regiões urbanas, complementando, desta forma, o que os estudos geolinguísticos têm feito para a compreensão do português falado nos três estados meridionais do Brasil.

3.2. Análise da variação

Coincidentemente, a alternância no uso de *conosco*, *com nós* e *com a gente* manteve as mesmas proporções que encontramos em áreas rurais. Isto significa afirmar que, estatisticamente, a variante *com nós* continua predominando na fala urbana de Santa Catarina, assim como também predomina em regiões rurais. No ALERS registraram-se 10 ocorrências desta variante em 5 das 6 cidades catarinenses, o que significa dizer-se que a variante *com nós* não foi registrada somente em Joinville. Assim, essas 10 ocorrências dessa variante totalizam mais de 55%, o

que quer dizer que *com nós* continua predominando na fala urbana em mais da metade dos registros.

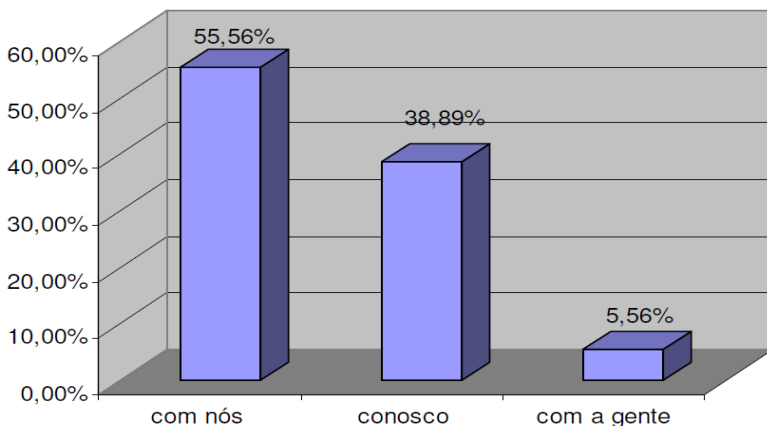


Gráfico 2 - Variação entre *conosco*, *com nós* e *com a gente* em regiões urbanas de Santa Catarina

A variante *com a gente*, respectivamente, continuou com baixíssimo índice de ocorrências. Se ela ocorreu em só 3 localidades, de um total de 275, no sul do Brasil, em regiões urbanas de Santa Catarina não foi diferente. De um total de 18 informantes pesquisados, um apenas a utilizou, o que resulta somente em pouco mais de 5% do total.

Ressaltemos, aqui, pois, que *com a gente* ocorreu em região urbana só em Joinville. A mesma cidade onde não houve o registro da variante *com nós*.

Por último, considerando agora a variante canônica prescrita pela tradição gramatical, *conosco*, em áreas urbanas ela ocupa ainda uma posição intermediária entre as variantes mais e menos frequentes. Temos quase 39% de ocorrências de *conosco*, o que significa 7 registros.

Fatos importantes surgem no momento em que comparamos a variação no uso de *conosco* entre as regiões rurais e urbanas.

Na geografia linguística já se pôde constatar a tendência que as zonas urbanas apresentam, de certo modo, a “repelir” traços dialetais considerados não pertencentes à fala considerada culta. O que significa dizer que a fala das populações urbanas tende a estar mais próxima do

padrão adotado como culto em determinado momento histórico da língua. Dizendo de outro modo, a norma socialmente avaliada como culta é formada no contexto urbano a partir do qual ela se irradia para o interior.

Claro que nunca há uma coincidência perfeita entre a língua ideal (prescrita pelas escolas e nas gramáticas normativas) e a realidade oral dos falantes nativos. Porém, o abismo que há entre estas duas línguas – a ideal que é prescrita e a real que é falada – torna-se um pouco menor nos contextos urbanos.

Vejamos, por exemplo, o caso da monotongação do ditongo latino *ae* – *caelum*, *poetae*, *aecllesia*, *aeternitas* etc. – que, desde cedo, havia se transformado na vogal média-baixa [], um fenômeno de mudança fonológica do latim que acabou tendo consequências na morfologia flexional dos nomes. O genitivo singular dos nomes de primeira declinação passou de *poetae* para *poetē*. O próprio Varrão, famoso gramático da língua latina, comentou, em meados do século I a.C., que esta mudança no sistema fonológico do latim havia ocorrido primeiro nas regiões rurais do *Latio*: “in Latio rure *edus* qui in urbe, ut in multis a addito, *aedus*”.²⁰ (VARRÃO, *apud* COUTINHO, 1974, p. 108)

Ao que tudo indica, o *sermo urbanus* – a modalidade dialetal que ditava o padrão culto do latim – repeliu, no início, tal pronúncia durante o período áureo da língua e da literatura latina. Contudo, Coutinho comenta que “um século depois essa pronúncia penetrou em Roma e se espalhou pelas províncias”. (COUTINHO, 1974, p. 108)

Vemos, de tal forma, que o latim urbano, no princípio, esteve mais próximo da modalidade culta e ideal da língua, como a encontramos registrada nos grandes escritores clássicos – Virgílio, Cícero e Ovídio, por exemplo. Somente depois é que a nova pronúncia – a princípio inculta ou própria de grupos de menor *status* na sociedade – penetra, com o passar do tempo, na fala urbana. Mas, a partir do momento em que o meio urbano a adota como padrão, ela passa a se expandir para as outras regiões do império, chegando à Península Hispânica no século I de nossa era, segundo atestam as inscrições do período encontradas pelos arqueólogos. (COUTINHO, 1974, p. 108)

Isso ocorre porque os centros urbanos constantemente se configu-

²⁰ Tradução: “em regiões rurais do Lácio é *edus* o que na cidade, como em muitas outras regiões, por acréscimo, é *aedus*”.

ram como centros nos quais se define a variedade da língua que os grupos sociais detentores do poder adotam por padrão culto. São nos grandes centros urbanos que estão as elites políticas, econômicas e intelectuais.

Matoso Câmara Jr. (1979) defende que a norma linguística do latim foi estabelecida em Roma, donde irradiavam às outras regiões as mudanças sociais primeiro estabelecidas na capital. Podemos supor que as atuais mudanças linguísticas seguem essa mesma lógica: as mudanças socialmente aceitáveis irradiam do centro político para o interior.

Roma era a cabeça política, social e cultural do Império, o grande centro irradiador das inovações linguísticas, que trabalhavam em medida crescente o seu latim vulgar. Ora, essas inovações atingiram em grau diferente as diversas províncias, conforme a distancia e a posição de cada uma dentro ou à margem das grandes correntes de comunicação do Império. (CAMARA JR, 1979, p. 23)

Uma situação análoga vemos hoje quando constatamos que as populações de regiões urbanas de Santa Catarina tendem a se expressar em uma modalidade dialetal, em certos aspectos, mais próxima daquilo que se entende como padrão, do que as populações rurais.

Brandão (1991, p. 23) também confirma essa constatação quando afirma, ao tratar da questão da variação dialetal das línguas, que existe uma “força niveladora das normas que se irradiam dos grandes centros”. Compartilhando da mesma opinião, para Alkmin (2006, p. 40)

Em nossas sociedades de tradição ocidental, a variedade padrão, historicamente, coincide com a variedade falada pelas classes altas, de determinadas regiões geográficas. Ou melhor, coincide com a variedade linguística falada pela nobreza, pela burguesia, pela habitante de núcleos urbanos, que são centros do poder econômico e do sistema cultural predominante.

Ou seja, encontramos mais “riqueza dialetal” no interior do que nas grandes cidades, principalmente no campo de variação lexical e morfosintática. É justamente por isso que o questionário do ALERS inclui mais de 600 questões que procuram levantar o léxico específico de cada região rural nos diversos campos temáticos – fauna, atividades agropastoris, partes do corpo humano, crenças e religião, dentre outros.

O estudo de Pinho & Margotti (2009), no qual se analisam alguns aspectos de variação lexical no sul do Brasil, utilizando-se do *corpus* do ALERS, constatou que as regiões urbanas tendem a possuir um léxico com menos variantes para uma mesma palavra; ou seja, há nas grandes cidades uma menor presença de regionalismos. Neste estudo se pode

constatar um expressivo maior número de regionalismos para a palavra *demônio* em meio rural do que em contextos urbanos em Santa Catarina.

	Região Rural	Região Urbana
com nós	63/80 = 78,75%	10/18 = 55,56%
conosco	12/80 = 15 %	7/18 = 38,89%
com a gente	0/80 = 0 %	1/18 = 5,56%

Tabela 2 – Comparação da variação no uso do pronome *conosco* entre regiões rurais e urbanas de Santa Catarina

No caso específico dos usos do pronome *conosco*, esta forma, que é a padrão, é muito mais registrada na fala urbana do que na rural, em Santa Catarina. Há, pois, um aumento significativo de mais de 23% no uso de *conosco* em contexto urbano, em comparação ao contexto rural. Da mesma forma, a variante *com nós*, que não é padrão – por estar excluída dos registros formais da língua –, sofre um decréscimo percentual significativo na fala urbana.

Portanto, neste ponto do presente estudo, podemos concluir que o confronto dos dados urbanos com os dados rurais de Santa Catarina evidencia um significativo aumento das variantes pronominais da norma culta nas cidades mais populosas. Por outro lado, as regiões rurais apresentam maior índice no uso da variante que não padrão, *com nós*.

3.3. A variação entre os grupos étnicos em contexto urbano de Santa Catarina

Se o fator escolaridade não se revelou como algo muito significativo, o mesmo não podemos dizer quando se leva em conta a etnia predominante que colonizou a cidade.

Como foi dito anteriormente, no ALERS temos seis pontos de sondagem em regiões urbanas de Santa Catarina. Mas essas cidades podem ser reunidas em três grupos de acordo com a etnia majoritária. São, pois, cidades de maioria alemã, italiana e lusa. Falamos aqui em *maioria*, porque, é claro, nenhuma dessas cidades foi formada exclusivamente por descendentes de alemães, italianos ou portugueses.

Para um maior detalhamento da composição étnicas destas seis cidades e, também, para uma melhor compreensão dos dados urbanos,

apresentamos abaixo uma tabela com dados percentuais do IBGE de 1991, disponíveis nos volumes ainda inéditos do ALERS.

Chapecó	Italianos: 70%; Lusos: 27%; Outros: 3%
Lages	Lusos: 70%; Alemães, italianos e poloneses: 30%
Joinville	Alemães: 60%; Lusos: 30%; Outros: 10%
Blumenau	Alemães: 80%; Lusos: 20%
Florianópolis	Lusos: 70%; Outros: 30%
Criciúma	Italianos: 60%; Lusos: 30% Outros: 10%

Tabela 3 – Composição étnica dos pontos urbanos pesquisados em Santa Catarina

Tendo, portanto, em mente a constituição étnica dos pontos urbanos de sondagem do ALERS, em Santa Catarina, podemos agora relacioná-los com o fenômeno de variação dos pronomes oblíquos tônicos.

Na tabela abaixo agrupamos os dados de variação no uso do pronome de acordo com a maioria étnica da respectiva cidade.

	conosco	com nós	com a gente
Alemães: Blumenau, Joinville	4	1	1
Italianos: Chapecó, Criciúma	2	4	0
Lusos: Florianópolis, Lages	1	5	0

Tabela 4 - Relação entre a variante e o grupo étnico predominante da cidade, em número total de ocorrências

Ao se efetuar tal confronto – entre as variantes e as etnias -, vemos que a variante *conosco* está muito vinculada às duas cidades de maioria alemã, nas quais há apenas uma ocorrência das outras duas variantes. É interessante ainda notar que em Joinville a variante *com nós* nem ocorre. Já em Blumenau esta é registrada, porém, o que nos chama atenção, é que aqui podemos fazer uma pequena correlação com o nível de escolaridade, pois *com nós* foi a variante pronunciada pelo informante menos escolarizado. Assim, a única vez que a variante não padrão ocorre em contexto de colonização germânica foi associada ao informante com menos anos de ensino formal.

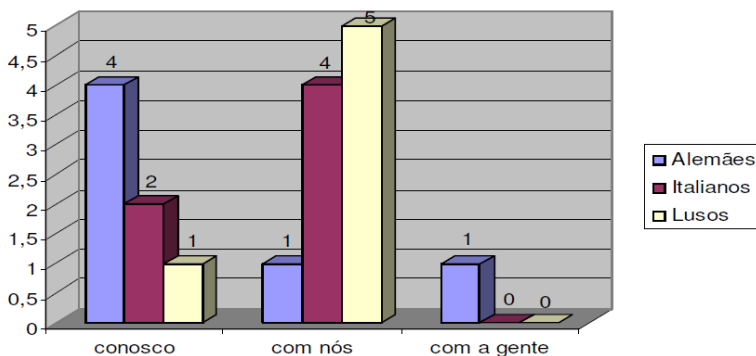


Gráfico 3 – Variação entre *conosco*, *com nós* e *com a gente* com relação à etnia no contexto catarinense

Por outro lado, a variante *com nós* está muito mais presente nos dialetos falados por descendentes de portugueses e italianos, ou seja, esta forma do pronome é muito mais produtiva nas cidades de Chapecó, Criciúma (italianos), Lages e Florianópolis (portugueses).

No caso dos descendentes de italianos, será que não teríamos aqui uma interferência da língua de origem dos colonizadores? Pois os pronomes *com nós* e *con noi* são estruturalmente bem semelhantes. Como, por ora, não temos base empírica para confirmar, ou não, esta possibilidade, deixaremos a questão em aberto. Mas, com certeza, este seria um bom tema a ser pesquisado em futuros trabalhos. Constatou-se a influência italiana na neutralização fonológica entre *carro* e *caro*, *forro* e *foro*, por exemplo, em certas localidades do oeste de Santa Catarina (BORTOLANZA SPESSATTO, 2003). Se o italiano influencia na variação fonológica, podemos conjecturar que o mesmo pode muito bem ocorrer em outros aspectos da língua.

Interessante seria, no futuro, tendo o projeto ALiB colocado à disposição dos pesquisadores os dados do sul do Brasil, ampliar esta relação entre variação e etnia com mais dados empíricos, verificando (ou não) a validade dessa relação em outras regiões, até fora do Sul, que tenham colonos alemães, italianos, polacos, portugueses etc.

No mapa abaixo podemos ver a distribuição diatópica e diastrática das variantes de *conosco* no contexto urbano de Santa Catarina.



Mapa 2: Variação entre *conosco*, *com nós* e *com a gente* em região urbana de Santa Catarina

4. Conclusões

Para sintetizar a análise de cunho dialetal da variação nos usos do pronome *conosco*, vimos que há indícios do fator geográfico influenciando esse fenômeno de variação. Quanto mais ao sul, mais frequente é a ocorrência da variante *conosco*. Mas, de forma geral, a variante *com nós* é incontestavelmente a mais presente nas variedades do português falado no sul do Brasil, em contexto rural.

Já nos contextos urbanos do estado de Santa Catarina, crescem significativamente as porcentagens da variante *conosco* em cidades de maioria étnica alemã. E, por sua vez, a variante *com nós* está mais associada às cidades cujos colonizadores são de maioria portuguesa e italiana. Mas, no total das ocorrências do pronome, a variante *com nós* é ainda a mais registrada em áreas urbanas.

É relevante destacar que a variante fixada como padrão pelas gramáticas normativas, *conosco*, se faz mais presente no português falado nas grandes cidades do que em meio rural, pelo menos no contexto catarinense.

Com a publicação do ALiB, será interessante comparar os dados deste atlas aos do ALERS, o que possibilitará ver a evolução da variação, visto que entre os dois atlas há uma distância de mais de duas décadas. Será possível visualizar uma pequena diacronia do *conosco* e suas variantes. Será que haverá mudanças significativas? Possivelmente deverá haver um aumento significativo na presença da variante *com a gente* em virtude da expansão do pronome *a gente* na posição de sujeito, entre as novas gerações, como apontam vários estudos, dentre os quais se destacam Lopes (1998, 1999, 2007).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do português no sul do Brasil: um balanço das fotografias linguísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino. (Org.). *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas: Educat, 2002.

_____; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter. (Orgs.). *Atlas linguístico-etnográfico da região sul do Brasil* (ALERS). Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: UFSC; Curitiba: UFPR, 2002.

BORTOLANZA SPESSATTO, Mary. *Linguagem e colonização*. Chapecó: Argos, 2003.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado cul-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

to do Brasil. *DELTA*, vol. 14, n. 2, 1998. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501998000200006&script=sci_arttext>. Acesso em: 10-09-2009.

_____. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. 1999. Tese (de Doutorado em Língua Portuguesa). – UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.

_____. A gramaticalização de a gente em português em tempo real e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. *Fórum Linguístico*, vol. 4, n. 1, p. 47-80, 2007.

MONTEIRO, José lemos. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: UFC, 1994.

PINHO, Antonio José de. *Um estudo diacrônico do pronome conosco*. 2009. Trabalho de conclusão de curso. – UFSC, Florianópolis.

_____. Forças estruturais da mudança linguística: a diacronia dos pronomes oblíquos tônicos. *Revista Philologus*, n. 64, p. 72-88, 2016.

_____; MARGOTTI, Felício Wessling. Aspectos de variação lexical no sul do Brasil. *Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura*, vol. 9, p. 51-66, 2009.

SLOBIN, Dan Isaac. *Psicolinguística*. São Paulo: Edusp, 1980.